

JOÃO PAULO II

A biografia

Coleção BIOGRAFIAS

- *Oscar Romero e a Comunhão dos Santos*, Scott Wright
- *Padre Ibiapina*, José Comblin
- *Padre Cícero de Juazeiro*, José Comblin
- *João Paulo II* - Andrea Riccardi

ANDREA RICCARDI

JOÃO PAULO II
A biografia



Título original

Giovanni Paolo II – La biografia

ISBN 978-88-215-6889-3

© EDIZIONI SAN PAOLO s.r.l., 2011

Piazza Soncino, 5 – 20092 Cinisello Balsamo (Milão)

www.edizionisanpaolo.it

Tradução: *Antônio Maia da Rocha*

© 2011, Instituto Missionário Filhas de São Paulo

Direção editorial: *Zolferino Tonon*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Revisão: *Iranildo Bezerra Lopes*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Riccardi, Andrea

João Paulo II: a biografia / Andrea Riccardi; [tradução Antônio Maia da Rocha]. — São Paulo: Paulus, 2011. — (Coleção Biografias)

Título original: Giovanni Paolo II: la biografia

ISBN 978-85-349-2595-2

1. João Paulo II, Papa, 1920-2005 I. Título. II. Série.

11-05964

CDD-262.13092

Índices para catálogo sistemático:

1. João Paulo II, Papa: Biografia e obra 262.13092

1ª edição, 2011

© PAULUS – 2011

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 São Paulo (Brasil)

Tel. (11) 5087-3700

Fax (11) 5579-3627

editorial@paulus.com.br

www.paulus.com.br

ISBN 978-85-349-2595-2

João Paulo II é uma grande figura do séc. XX de quem a história fala imensamente. Também é uma personagem do alvor de um Novo Milênio: foi-se já o início do novo século e a sua herança religiosa continua a ser uma referência. Testemunha da complexa encruzilhada polonesa e protagonista da cena mundial durante vinte e sete anos, Karol Wojtyła foi não só uma personagem decisiva da vida religiosa contemporânea, mas também um líder que colocou a sua Igreja no coração da história. Aos seus funerais acorreram os grandes da terra, os expoentes das religiões do mundo, juntamente com o povo anônimo, enquanto a atenção mundial ao evento foi altíssima. Tal interesse por um Papa é revelador de como João Paulo II não só representara uma personalidade decisiva para a sua Igreja e para os cristãos, mas também de como tinha sido um líder global, que havia tocado a fibras de muitos mundos.

Em 1978, já eleito Papa, teve de haver-se com a crise do catolicismo, com um Ocidente secularizado e com o marxismo de muitos rostos. Todos se recordam da sua primeira mensagem, modelada sobre a expressão evangélica: “Não tenhais medo!” De fato, acreditou na força das energias religiosas e espirituais da sua Igreja e da humanidade, mesmo em confronto com sistemas políticos que tinham à sua disposição “armas” de vários tipos e muito mais poderosas. Bento XVI disse-me sobre o Papa Wojtyła: “Vinha de um povo sofredor, o polonês, sujeito a muitas prova-

ções ao longo da sua história. Desse povo sofredor, depois de tantas perseguições, desenvolve-se a força de esperar”.

Karol Wojtyła representou a “força de esperar” aos olhos dos cristãos e dos seus contemporâneos, amadurecida no cadinho da guerra e na vida do seu povo. Depois de eleito Papa, esta força confrontou-se com cenários cada vez mais vastos, frequentemente difíceis e opostos, em que o Papa não teve medo de mergulhar. Não se resignou ao declínio da Igreja e do mundo religioso, que uma grande maioria do pensamento do séc. XX considerava inevitável. Pelo contrário, como tendência oposta a esta corrente, intuiu que as religiões em todo o mundo conheceriam um renascimento, embora complexo.

Durante mais de dez anos, João Paulo II enfrentou o comunismo até a queda do Muro [de Berlim]. Foi um Papa “vencedor” no confronto com o império soviético, a que, nos anos setenta e oitenta, a maior parte dos observadores atribuía uma longa vida. Portanto, um Papa político? Quem tem presente a dimensão espiritual, o aspecto místico e a oração do papa Wojtyła necessariamente deverá afirmar o contrário: a fé foi o coração de um pontificado centrado essencialmente na comunicação da mensagem do Evangelho em todas as latitudes. Contudo, João Paulo II estava convencido de que o cristianismo representaria uma força de libertação do homem e dos povos. Centrado na dimensão espiritual, o cristianismo podia, de algum modo, conseguir transformar a história das nações. Também foi esta a história da “libertação” da Polónia do comunismo, em que o Papa desempenhou um papel de primeiro plano.

Em 2003, já velho e doente, Karol Wojtyła, respeitado pelos líderes de todo o mundo, diz ao corpo diplomático reunido no Vaticano: “Mas tudo pode mudar. Depende de cada um de nós. Cada um de nós pode desenvolver em si mesmo o seu potencial de fé... Portanto, é possível mudar o

curso dos acontecimentos...”. Esta foi a sua confiança. Certamente o papa Wojtyła, o vitorioso, também conhece derrotas e desmentidos: a guerra e a violência (desde o episódio do Iraque ao de Ruanda), a recusa da sua mensagem sobre a vida, a resistência em acolher sua pregação até na Polônia pós-comunista... Mas ele sabe que, num mundo complexo e global, não existe uma vitória estável. A sua vida foi uma luta, vivida com tenacidade. A luta é uma dimensão essencial para compreender o seu mistério, ainda que vivida com uma serenidade substancial: “Vi-o a sofrer, mas não triste”, testemunhou Bento XVI.

Karol Wojtyła agiu em diferentes cenários, desde a Polônia até Roma e o mundo inteiro. A sua história, porém, não conhece grandes fraturas existenciais, é habitada por uma continuidade profunda que vem da interioridade de crente e da sua inteligência, sempre desejosa de conhecer homens e situações. Titular de um alto magistério, continuará interessado até o fim em aprender com o encontro com os outros. O seu amigo polonês Jerzy Turowicz afirma sobre ele: “Embora seja o chefe da Igreja católica, um cidadão universal e um europeu, João Paulo II nunca deixou de ser um polonês e um cracoviano”. Um cracoviano? Em meu entender, para se compreender sua vida e o impacto de seu pontificado, penso que é necessário percorrer sua biografia, que se mescla a episódios históricos extremamente atormentados.

O historiador polonês Bronisław Geremek, que também foi um líder do *Solidarność* [Solidariedade], exprimiu assim uma grande tradição historiográfica europeia: “A história é um misto de ciência e de poesia”. Reconstruir a vida de Karol Wojtyła, longa e articulada, densa de fatos relevantes, que se desenvolveu em diversos cenários, exige não somente “ciência” (e muitos arquivos ainda não estão abertos), não só capacidade de interpretação e de narração, mas também penetração na cultura e nas vibrações interiores da personagem e, ao

mesmo tempo, uma tomada de consciência das energias espirituais que ele pôs em movimento. Senti a responsabilidade e a alegria de escrever este livro pela grandeza e pelo significado da figura de João Paulo II. Mas não se escreve para fazer um monumento, antes para compreender, para aproximar-se de uma personagem e do seu tempo, para entender mais e melhor a história da nossa época.

No fim deste livro, consciente da complexidade da vida de Karol Wojtyła, do seu tempo e da sua Igreja, faço minhas as palavras do grande pensador russo Pavel Florenskij:

Escrevo e sei dispersar-me, porque não posso dizer, de uma só vez, tudo aquilo que se amontoa na minha consciência.

Dirijo ao papa Bento XVI um agradecimento especial pela significativa conversa que me concedeu sobre o seu predecessor.

Ao longo deste trabalho, além das várias fontes de arquivo a que tive acesso, houve muitas pessoas que me forneceram o seu testemunho sobre Karol Wojtyła e sobre o seu tempo. Encontrar-se-ão os nomes das testemunhas, alguns dos quais desaparecidos, no decurso do livro. A todos agradeço, porque possibilitaram que eu entrasse no mundo deste Papa. E recordo ainda o testemunho importante que me foi dado pelo secretário pessoal do papa Wojtyła, o cardeal Stanisław Dziwisz. Por fim, também, foram de especial relevância as conversas que tive desde 1979 com o papa João Paulo II.

Ao acabar este livro, não posso deixar de recordar, entre tantos que me ajudaram e apoiaram, Adriana Gulotta, pelo seu notável contributo na revisão do texto, e Massimiliano Siginifredi, pela ajuda essencial sobre a documentação polonesa.

ANDREA RICCARDI

I O MISTÉRIO WOJTYŁA

Um estrangeiro

“O novo Papa é africano?”, era a pergunta que circulava entre as pessoas na Praça de São Pedro, naquele 16 de outubro de 1978, à tarde, depois das dezoito horas, quando o cardeal Pericle Felici anunciou, em latim e com a sua pronúncia romana, o nome do eleito: “Annuntio vobis gaudium magnum; habemus papam: Eminentissimum ac Reverendissimum Dominum Carolum Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinalem Wojtyła, qui sibi nomen imposuit Ioannem Paulum II”. O eleito não era Carlo Confalonieri, o cardeal decano já com mais de oitenta anos, como inicialmente se pensou, quando se ouviu “Carolum”, Carlos. A idade avançada do decano não lhe permitia que participasse do conclave (mas, no seu terraço sobre a Praça de São Pedro, assistiu ao anúncio). Não era um africano, ao contrário do que aquela pronúncia peculiar do apelido fazia pensar: era o cardeal de Cracóvia, o primeiro Papa não italiano desde 1523, depois da morte de Adriano IV, holandês de Utreque. Uma notícia surpreendente.

Por que razão os cardeais tinham quebrado uma tradição com mais de quatro séculos e meio? Durante o Concílio, encerrado havia quase treze anos,¹ algumas vozes tinham lamentado a excessiva característica italiana da Cúria romana.

¹ 8 de dezembro de 1965. [N.T.]

Paulo VI, depois do Vaticano II, tinha internacionalizado a Cúria e nomeado o cardeal Villot, um francês, como seu secretário de Estado. Contudo, por morte de Paulo VI, o Sacro Colégio [ou Colégio Cardinalício] continuou a tradição, escolhendo um Papa italiano. O eleito foi o Patriarca de Veneza, Albino Luciani, que faleceu passados somente trinta e três dias de pontificado. Os cardeais que acorreram a Roma para o novo conclave, em outubro de 1978, estavam numa situação que a *Times* definiu eficazmente como “A Igreja em choque”.² Era preciso encontrar um sucessor capaz de tomar nas suas mãos uma Igreja desorientada. Luciani tinha representado o “bom pastor”, mas talvez fosse preciso uma personalidade mais forte para guiar a Igreja para fora da crise pós-conciliar. Embora nunca se tornassem lei, havia muitas razões para eleger um italiano: a tradição, o universalismo, a independência relativamente a interesses nacionais e a familiaridade com o governo eclesiástico. Contudo, a escolha devia voltar-se para um pastor, isto é, para um bispo residencial e não para um presidente de Cúria. Era assim que se pensava num pós-concílio desconfiado dos “burocratas”. Aliás, todos os Papas do séc. XX, no momento da sua eleição, tinham sido bispos diocesanos, exceto Pio XII, que era secretário de Estado.

Mas por que foi que os cardeais escolheram um não italiano e, ainda por cima, um polonês? Entre os italianos havia alguns candidatos possíveis, como o cardeal Colombo, sucessor de Montini na sé milanesa, ou o Vigário de Roma, o cardeal Poletti, ou outros, como o arcebispo de Nápoles, cardeal Ursi. Mas a atenção polarizou-se em dois nomes: Siri, o delfim de Pio XII, demasiado jovem para suceder-lhe, quando este Papa faleceu em 1958; e o cardeal Benelli, recém-nomeado arcebispo de Florença, com uma história de íntima colaboração na reforma da Cúria de Paulo VI, substituto do secretário de

² “The Church in Shock”, in *The New York Times Magazine*, 9 de outubro de 1978.

Estado, com fama de prepotência (e de autoritarismo). A oposição entre os dois era significativa, com consequências para o futuro não só da Igreja, mas também da política italiana. Siri sempre se opusera à abertura da Democracia Cristã (DC) à esquerda e ao “compromisso histórico” entre democratas-cristãos e comunistas, realizado, com o consentimento do papa Montini, por Aldo Moro, o político democrata-cristão assassinado em maio de 1978 pelas Brigadas Vermelhas. Segundo Siri, fora precisamente a partir da abertura da DC à esquerda, e da sua condescendência para com os comunistas, que nascera a crise política e moral italiana. Benelli, amigo do líder democrata-cristão Amintore Fanfani, tinha apoiado a política de centro-direita. O cardeal lançou um sinal claro quando se dirigia para o conclave: a eleição do Papa não poderia ser condicionada pela discussão sobre as políticas italianas ou pelo “compromisso histórico”. Era um sintoma de incômodo (compartilhado por vários cardeais) a propósito de uma ligação demasiado estreita entre o papado e as questões italianas.

O debate centrava-se, especialmente, sobre o futuro da Igreja, muito mais vasto do que as vicissitudes italianas. Falar disso não era mau hábito de mexericos, até porque os conclaves, pelo segredo que os rodeia, exercem um fascínio na opinião pública. Mas, no pré-conclave, o debate centrou-se no estado da Igreja e sobre o seu futuro. É importante revisitar este período, embora não seja fácil, para se compreender em que quadro amadureceu a opção de eleger Karol Wojtyła.

Difundira-se, então, o sentimento de uma crise grave na Igreja, que já durava há pelo menos dez anos, desde que a contestação a tinha sacudido. De fato, a mais antiga instituição do Ocidente conhecera uma crise profunda e inédita, que não vinha de forças ou fatores externos, como com a Revolução Francesa ou com as políticas dos Estados laicos. A crise brotava do seu interior. A hierarquia, a tradição, as formas de vida, as decisões e a liturgia eram contestadas publicamente.

Um movimento molecular e espontâneo de agregações, ao estilo do Maio de 68, parecia propor-se como alternativa moderna à Igreja hierárquica e institucional. Entretanto, as vocações ao sacerdócio e à vida religiosa eram cada vez menores. As saídas de padres eram numerosas, enquanto se voltava a discutir o celibato eclesiástico com uma intensidade até então desconhecida. No Ocidente, diminuía a frequência na Missa, quase como se fosse a expressão de uma hostilidade à fé e aos ritos da Igreja. O pontificado de Paulo VI (1963-1978), pelo menos depois de 1968, tinha sido dominado pela difusa percepção de um tempo de crise.³

³ Cf. A. RICCARDI, *Il potere del papa. Da Pio XII a Giovanni Paolo II*, Roma-Bári, 1993.